



Jonny-o Prisioneiro de Si Mesmo

Mira Rothenberg

Escrita por uma jovem terapeuta que está ajudando a abrir a prisão que Jonny criou para si mesmo, esta é uma história de dedicação de um indivíduo a outro —o tipo de trabalho imprescindível ao tratamento das doenças mentais.

PESAVA 680 gramas quando nasceu, em 1950. Cinco meses e meio no ventre materno; três meses e meio na incubadora. Até que, com 2,250 kg, saiu para o nosso mundo.

Não era uma criança bonita, nem uma criança de que se gostasse facilmente. O cabelo, chamuscado pelo calor da incubadora, adquirira um tom alaranjado vivo; tinha a pele

Condensado de "Harper's Magazine"

enrugada e queimada, côm de chocolate. O tempo foi passando e Jonny não se tornou mais humano; nunca chorava, nem ria, nem sorria, nem fazia nenhum dos ruídozinhos próprios das crianças pequenas. Não aprendeu a focalizar os olhos nem a manter a cabeça erguida; se faziam um ruído no quarto, êle não o ouvia; e não tolerava qualquer contato físico . . . se o seguravam, recusava a mamadeira.

Até aos cinco anos Jonny ou andava de carrinho de bebê, ou era carregado ao colo. Quando andava, parecia um êbrio, dando alguns passos cambaleantes, para logo cair de quatro e engatinhar pelo chão. Ataques de difteria levaram-no mais de uma vez à tenda de oxigênio, no hospital. E assim, êle existia . . . agarrando-se tenazmente à vida, mas não participando dela.

Quando êle fêz dois anos, seus pais iniciaram uma peregrinação que os deixou desorientados, desesperançados e quase na miséria. A peregrinação levou-os a tôdas as partes dos Estados Unidos. Uma famosa autoridade médica afirmou que Jonny sofria de degenerescência de um nervo auditivo. Mais tarde foi-lhe aplicado um aparelho auditivo e êle passou a ser tratado como surdo-mudo. Várias tentativas foram feitas para



MIRA ROTHENBERG, especialista em tratamento de crianças retardadas, possui diploma especial em Didática da Escola da Universidade de Colúmbia. Fêz parte de várias equipes de numerosas escolas para crianças excepcionais e possui agora uma clínica particular.

matriculá-lo em escolas de crianças mudas. Em geral era recusado. Quando o admitiam, era para o excluírem ao cabo de pouco tempo, porque, “além da surdez, êle devia ter outra anormalidade qualquer”.

Em 1953 os pais de Jonny levaram-no a um grande centro médico, onde médicos especialistas procederam a uma diligente pesquisa de “outra anormalidade qualquer”. Foram feitas radiografias do crânio, das pernas e do corpo de Jonny, para ver se alguma deformidade o impedia de caminhar. Êle tinha os ossos perfeitos. Um psiquiatra de crianças informou aos pais do garôto que acreditava não haver qualquer lesão cerebral, e dêsse médico êles souberam pela primeira vez que poderia tratar-se de um caso de autismo—o sintoma de uma grave perturbação mental. Como pouco se sabia da doença, a sugestão que com mais freqüência lhe faziam era: “Internem-no, e esqueçam-no.”

Mas os pais do menino recusaram-se a deixar de lutar. E a sua decisão se explicava pelo comportamento da criança. Parecia-lhes estranho que uma criança muda, que mal coordenava os movimentos, pudesse usar os dedos com suficiente destreza para desenhar figuras expressivas; saber o alfabeto e soletrar o próprio nome com blocos de letras; armar complexos quebra-cabeças e pôr uma moeda em pé.

Por sugestão de um jovem psiquiatra, a mãe de Jonny veio consultar-me em janeiro de 1957. Nun-

ca esquecerei aquela primeira entrevista.

Eu nunca vira uma criança tão esquisitamente feia. O menino não andava pròpriamente; arrastava-se, como que embaralhando pernas, pés, mãos e braços, sendo cada passo um esforço quase indescritível. Era estrábico e tinha a cabeça constantemente pendida para a frente ou para trás, ou oscilando descontroladamente no pescoço. Não olhava para parte alguma e não emitia qualquer som. A expressão de "vacuidade" que havia em seu rosto, como se nada, ninguém—nem êle mesmo—existisse, era aterradora. A todo instante seus braços se projetavam no ar, e então suas mãos se levantavam e caíam como as asas de um pássaro que, por um terrível infortúnio, já não soubesse voar. De vez em quando êle cerrava os punhos e esbofetava a própria face.

No silêncio absoluto do aposento eu quase podia ouvir a ansiedade da criança, o seu terror, as perguntas que ela não chegava a formular: "Você vai gostar de mim? Será capaz de ver a verdade? Descobrirá a mentira?" Eu tinha a impressão de estar sendo atentamente analisada por aquela criança, com todo o seu ser, muito embora seus olhos absolutamente não me encarassem.

Encarei-o com firmeza, e nesse momento senti que *sabia*. Pus um disco no toca-discos e deixei Jonny vê-lo girar. Estava subentendido que êle nada ouvia. Quando se deixou absorver completamente pelo

disco, eu disse de repente, com voz calma e natural: "Chega, Jonny. Desligue o toca-discos." Jonny voltou-se com os braços erguidos, encarou-me e abanou a cabeça, muito zangado, fazendo um gesto de "não" antes de êle próprio ter consciência do que estava fazendo. Depois, percebendo que denunciara o seu segredo, levou as mãos aos ouvidos, como se não quisesse ouvir nada, e em seu rosto se estampou um estranho misto de terror e alívio.

A partir daquele instante ficou estabelecido o fato de que Jonny ouvia, de que a mentira, o seu segredo, fôra destruída. Sua surdez não passava de um meio de êle se isolar do mundo, quando não lhe agradava o que nêle se passava. Ficou igualmente evidenciado que as nossas relações iam ser positivamente sinceras; que eu gostava realmente dêle; que o conhecia suficientemente para penetrar as suas defesas, a sua concha; que eu o protegeria não só contra o mundo exterior, mas também contra êle mesmo. Não sei como, eu anulara também, até certo ponto, a mágica que êle criara, o terrível poder de enganar e dêsse modo "controlar" o mundo. Êle reconhecia que eu era mais forte do que êle, e que pretendia usar a minha fôrça para o seu próprio bem e a sua proteção, para que êle pudesse tornar-se uma criança, fraca e dependente, embora, mas responsável.

Depois daquela primeira entrevista passei a ver Jonny quatro, de-

pois seis horas por semana. Cada vez êle cometia mais erros no seu "não ouvir"—primeiro comigo, depois em casa e, afinal, com estranhos. Hoje, passados três anos, Jonny ouve francamente, e às vêzes, parece, com muito mais agudeza do que o comum das pessoas.

Quase paralelamente à sua confiança em mim, o seu modo de andar começou a melhorar. Saíamos a passear na rua, depois no parque. Êle ia em parte andando, em parte se arrastando ou carregado por mim. No parque de recreio, depois de alguns sustos e atribulações, êle começou a achar graça nos balanços. E assim, durante certo tempo, fizemos passeios diários. Quando achei que êle estava ficando mais forte, recusava-me a carregá-lo quando caía, e às vêzes deixava que êle se arrastasse quase todo um quarteirão. Essa fase durou pouco, porque não era nem agradável nem proveitosa. Dentro de poucos meses Jonny andava como qualquer outro menino da sua idade.

Uma tarde, em minha casa, êle mergulhou num sono profundo durante quase 15 minutos. Enquanto êle dormia, observei que fazia com a bôca movimentos de mamar, e que estendia as mãos, como se quisesse agarrar alguma coisa. Apanhei uma mamadeira, enchi-a de leite e, quando êle acordou, pus-lhe o bico na bôca. Jonny deixou-se ficar, quieto, mamando na mamadeira. Enquanto êle mamava, deitei-lhe a cabeça em meu regaço e comecei a

acariciá-lo. Dentro de algum tempo eu podia pegá-lo ao colo, beijá-lo e acariciá-lo, e êle parecia gostar.

Pouco depois a mãe dêle me disse: —Até que enfim tenho um filho.

Ela também podia tocar-lhe o corpo, beijá-lo e mimá-lo.

Desde o comêço me impressionara o extraordinário interêsse de Jonny por luzes; quanto mais brilhante a luz, maior a sua necessidade de acercar-se dela. Arrastando-se até colocar-se bem embaixo da lâmpada, êle olhava diretamente para o bulbo; depois sacudia as mãos esvoaçantes, o corpo se lhe inteiriçava, o rosto se contorcia, como a fazer um esforço sôbre-humano. Êle era capaz de fitar luzes de ofuscante intensidade sem pestanejar; tocava os bulbos aquecidos sem se queimar ou sentir dor.

De repente, suas relações com as lâmpadas acesas se modificaram. Começou a sentir-lhes o calor e a gritar quando as tocava, a fechar os olhos ao olhar para elas. As luzes começavam a ter para êle um nôvo significado. Muito tempo eu andei intrigada com êsse procedimento. E então comecei a refletir no calor da incubadora iluminada a eletricidade. Talvez para Jonny as luzes fôssem um símbolo de calor, quem sabe, de vida mesmo. Quando lhe foi possível aceitar o calor mais genuíno de suas relações comigo, com a sua família e com as outras pessoas, êle pôde renunciar ao falso calor das "lâmpadas-mães".

Entretanto, quando o seu fascínio

pelas luzes passou a ter sentido para mim, achei que devia prosseguir na observação. Pareceu-me que a maneira de fazê-lo era dar-lhe uma incubadora. Eu tinha o pressentimento de que isso o ajudaria a avançar mais um pouquinho, embora sabendo também do perigo que havia de êle ser levado a retroceder. Comentei êsse perigo com os pais do menino, e êles tomaram a decisão. O próprio pai de Jonny construiu uma incubadora igual àquela em que estivera depois de nascer e levou-a para a minha casa. Pusemos dentro dela uma boneca do tamanho de Jonny, quando êle próprio vivera na sua.

Ao ver a incubadora pela primeira vez a criança ficou tôda trêmula e seu rosto ficou verde. Chegou então o momento decisivo. Pareceu cambalear para trás, mas logo, numa fração de segundos, voltou-se e olhou bem para mim, com os olhos pela primeira vez perfeitamente em foco. Era visível em seu rosto uma expressão de angústia e acusação, como se dissesse: "Como pôde fazer isto comigo?" Fiz um esforço tremendo para convencer-me de que eu estava sendo má para o bem dêle. Ao fim de poucos minutos Jonny parecia ter-se tornado outra criança, completamente diferente. Nunca mais assumiu aquêle ar vago. Seu rosto tinha expressão. Pela primeira vez vi Jonny em tôda a sua personalidade—física e emotivamente íntegro. Percebi, então, que estava ganhando a primeira fase da batalha.

De dia para dia, enquanto Jonny investigava a incubadora, brincava com a boneca, dava-lhe banho, batia-lhe, seu semblante ia exprimindo outros sentimentos. Desaparecera o insondável alheamento. E começou também a emitir novos sons—como se estivesse tentando comunicar-se com as pessoas ou manifestar-se acerca de algo. Aquela criança quase sempre calada passou a ser tão barulhenta que eu eliminei a idéia de que pudesse ter qualquer defeito nas cordas vocais.

Ouvindo-a, tornou-se-me claro que, entre outras coisas, Jonny queria fugir à responsabilidade de usar ou ouvir a própria voz, assim como antes tentara evitar a responsabilidade de ouvir os outros. Por isso coloquei um gravador perto da incubadora, para que todos os sons que êle fizesse fôssem registrados na fita. Quando reproduzi as gravações, sua primeira reação foi de choque, que êle exprimiu cobrindo os ouvidos com as mãos. Mas Jonny não resiste à sedução de qualquer mecanismo. Ao fim de certo tempo a atração foi demais, e êle começou a gravar intencionalmente os próprios sons, para ouvi-los em seguida. Pouco a pouco, os sons se foram tornando mais variados, inclusive um dia a palavra "mamã".

O gravador passou a ser o meio de dizer a Jonny coisas demasiado dolorosas para êle ouvir diretamente. Foi assim que êle chorou pela primeira vez. Sucedeu em virtude da afeição dêle ao cachorrinho que

ganhou quando venceu o seu primitivo pavor de cães. Uma semana depois o cãozinho adoeceu e morreu. Quando eu disse que o cachorrinho morreria, quase o vi "desligar" a sua audição, para me olhar com a sua fisionomia inexpressiva. Mas eu tomara a precaução de ligar o gravador de fita. Mais tarde, no mesmo dia, liguei-o inesperadamente, e Jonny, apanhado desprevenido e com os nervos relaxados, ouviu a notícia da morte do cachorro. Então, pela primeira vez nos dois anos da nossa convivência, êle perdeu a resistência e soluçou amargamente. Depois disso êle pôde chorar tôda a vez que estava magoado. E, além de ousar chorar, começou também a ter coragem de rir, não raro às gargalhadas, e com um malicioso senso de humor.

Três anos se passaram desde o nosso primeiro encontro, e Jonny já está com dez anos. Progrediu muito. Agora ouve a maior parte do tempo, anda com desembaraço, pula, corre, nada, anda de bicicleta, pinta, desenha, monta os seus aparelhos de alta fidelidade, usa tôdas as suas ferramentas elétricas e sabe construir. Chora quando magoado, ri quando contente, ama e desperta amor em seus semelhantes. É, em suma, um menino muito esperto.

E hoje, sobretudo, Jonny tem vida.

Mas ainda lhe resta um longo caminho a percorrer. Êle ainda não fala, embora certa vez tenha dito "não posso" e já o tenham ouvido falar dormindo. Enquanto êle não falar, não estará bom. Isso exigirá muitas longas horas, talvez anos.

Crianças como Jonny, quer sejam consideradas esquizofrênicas, autistas ou acometidas de graves perturbações emotivas, não são muito diferentes das outras. Têm as mesmas necessidades, os mesmos desejos, magoam-se, temem, amam, odeiam e morrem como todos nós. A diferença está na sua maneira de se defenderem dos seus terrôres e das suas necessidades. Nós recuamos um pouco quando feridos, e choramos um pouquinho. Elas recuam inteiramente para que a penosa agressão não possa repetir-se. Elas são apenas um grande soluço sem lágrimas vivendo dentro de uma concha, mal partilhando da vida que os cerca.

Todo o tratamento dessas crianças deve basear-se numa compreensão tão profunda que permita ver, além das suas defesas, o eu que elas escondem. Então elas poderão começar a confiar e, animadas de esperança, atravessar essa nova ponte de confiança entre o seu mundo íntimo e a realidade.



"Por que", perguntou certa ocasião um jornalista dotado de profundo senso de observação, "algumas das mulheres casadas não parecem tão bonitas quanto as viúvas? O que é que as impede?"

—E. W. Howe